

Brasília perde qualidade de vida com migração maciça

Arquivo/22.04.82

Cléber Praxedes

Brasília — A capital do país vem sofrendo um processo de ocupação que está preocupando as autoridades locais e federais. São os migrantes que chegam a toda hora. Planejada para comportar 500 mil habitantes até o ano 2000, Brasília tem hoje 1 milhão 500 mil pessoas, 97% delas concentradas no meio urbano. “A consequência deste crescimento atordoante será a deterioração da qualidade de vida da população, especialmente das camadas mais pobres”, alertou o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto.

A população de Brasília está crescendo 7% ao ano, duas vezes e meia mais que a média nacional. As consequências desse aumento desordenado começam a aparecer com o crescimento da marginalidade, desemprego e a baixa oferta de educação e saúde. O maior exemplo é a cidade satélite de Ceilândia, que foi construída para acabar com as invasões no Plano Piloto e tem hoje 500 mil habitantes, quando o previsto era de, no máximo, 200 mil. O hospital da cidade, com 149 leitos, e os cinco centros de saúde, construídos há cinco anos, não comportam mais o atendimento da população local.

Os governos Federal e do Distrito Federal querem encontrar uma solução para Brasília, que deixou de ser capital da esperança de muita gente. O secretário de Governo do DF, José Carlos Mello, justifica a grande migração por ser Brasília o principal pólo de desenvolvimento da região Centro-Oeste e por estar situada próxima a regiões pobres: Nordeste, Noroeste de Minas Gerais e Norte de Goiás. “Quando foi construída, Brasília absorveu muita mão-de-obra na área de construção civil. Não era uma mão-de-obra especializada. Mesmo assim, as construções acabaram-se e o pessoal continuou morando no Distrito Federal”, disse José Carlos Mello.

Para o ministro do Interior, Ronaldo Cos-

ta Couto, o futuro de Brasília depende do sucesso da política de desenvolvimento regional do país, que é a única alternativa realista para conter o fluxo migratório em direção aos centros urbanos.

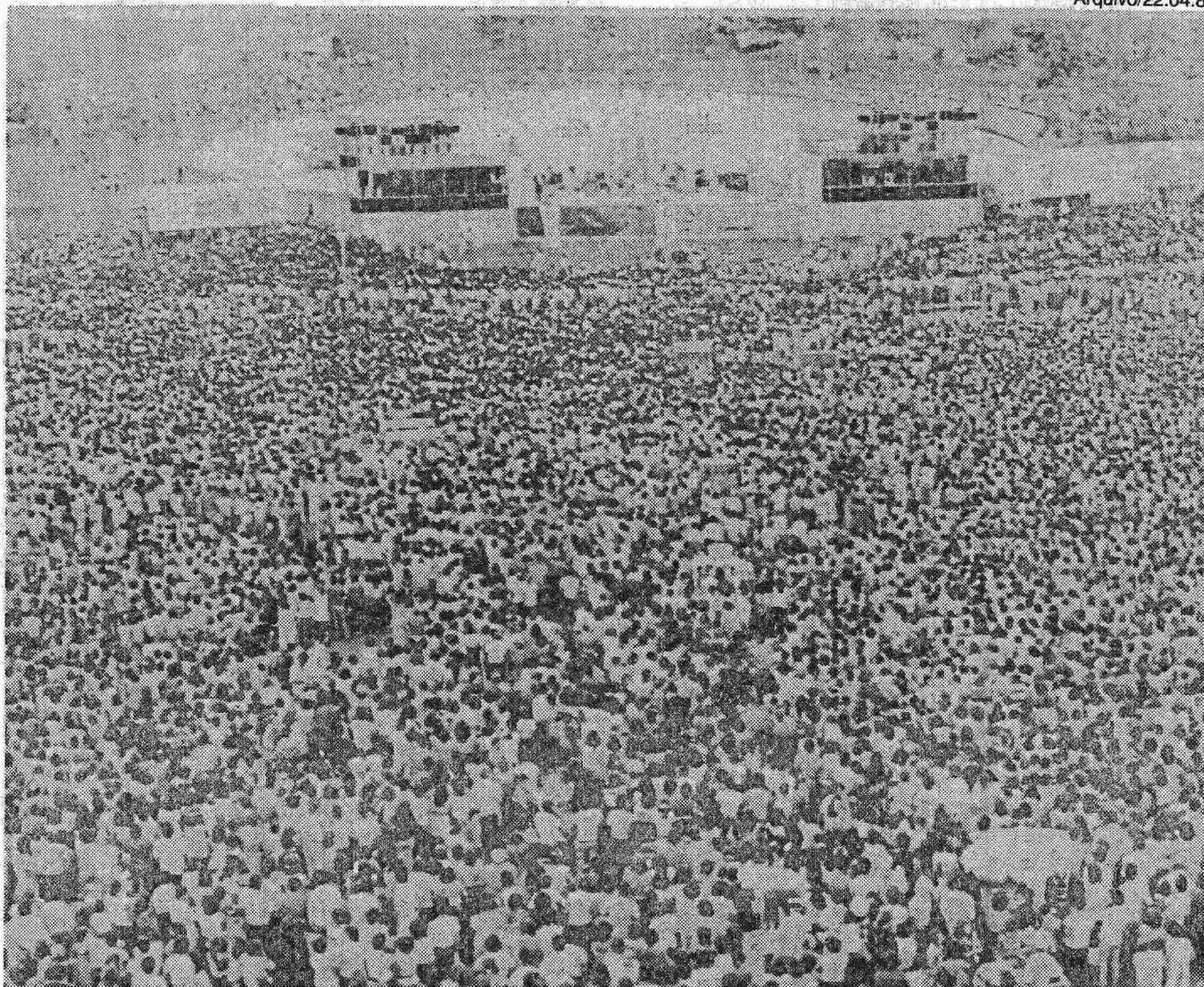
— A construção de Brasília, projetada para ser o núcleo administrativo do Governo Federal, acabou por salvar a cidade do Rio de Janeiro de se tornar inabitável. O que seria do Rio hoje como capital federal?, indaga o ministro Ronaldo Costa Couto.

A Grande Brasília já invadiu Goiás e aproxima-se do final do século concentrando três vezes mais população do que seria de esperar nesses 26 anos de existência. Segundo dados de 1980, dos 1 milhão 200 mil habitantes existentes na época, cerca de 80% estavam na cidade há cerca de 10 anos, 40% deles eram constituídos de nordestinos e 30% do Centro-Sul. “Os candangos, que vieram para a capital construir a cidade, nunca a abandonaram, bem como os funcionários públicos aposentados”, explicou o ministro Ronaldo Costa Couto.

Brasília não consegue conter o fluxo migratório. Para o secretário do Governo do Distrito Federal, solução para o problema vai depender de verba e de contenção do êxodo rural. “Temos que cortar o mal pela raiz”, disse ele, ao explicar que o problema só acabará quando for promovido o desenvolvimento nas regiões mais pobres do Nordeste, em cerca de 11 municípios goianos e um mineiro (Unai).

— Se for mantida a inércia histórica, Brasília duplicará sua população em dois anos, e seria uma leviandade permitir que isso aconteça, pois, nesse caso, Taguatinga e Ceilândia, duas de suas cidades satélites, serão metrópoles dentro de uma região metropolitana conhecida no país como Distrito Federal — afirmou o ministro Ronaldo Costa Couto.

A capital da República tem hoje 230 mil menores carentes, 90 mil deles catalogados na Secretaria de Serviço Social como abandonados.



Inchação da cidade não aparece só nas favelas, mas em eventos com duzentas mil pessoas, como em um espetáculo de Gal Costa